

RESENHA

SAVIANO, ROBERTO. GOMORRA: A HISTÓRIA REAL DE UM JORNALISTA INFILTRADO NA MÁFIA NAPOLITANA. TRAD. ELAINE NICCOLAI. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2008.

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa Catarina

andrea.guerini@gmail.com

Os bastidores (abertos) da Camorra italiana

Leonardo Sciascia, importante autor da literatura italiana do século XX e famoso por seus romances em que a Máfia é, muitas vezes, personagem principal, diz em *A cada um o seu* (Objetiva, 2007. Tradução de Nilson Moulin), ironicamente, que "[...] a Itália é um país tão feliz que, quando começam a combater as máfias vernáculas, significa que já se estabeleceu uma em dialeto...".

Essa constatação de um dos personagens de Sciascia pode ser transportada, sem dúvida, para outro "câncer" da cultura política e social da Itália do Sul: a camorra napolitana, que é descrita com riqueza de detalhes no romance/reportagem do jovem escritor e jornalista de profissão, Roberto Saviano, cujo livro é objeto desta resenha.

O problema da Máfia e da Camorra na Itália é algo tão crônico a ponto de ser a responsável pelas mazelas de um sistema político e social sem precedentes. Embora semelhantes em sua forma de atuação, vale lembrar que a Máfia é uma organização criminosa nascida na Sicília e a Camorra (ou Sistema, como vem sendo chamada nos últimos anos e descrita com detalhes no terceiro capítulo da primeira parte do livro de Saviano) é também uma organização criminosa de famílias/clãs de Nápoles.

Se escritores como Sciascia denunciam a máfia através de narrativa de ficção, Roberto Saviano preferiu - e teve a coragem - de escrever com grande clareza um livro com fatos reais e detalhes a ponto de surpreender inclusive leitores mais atentos e informados. Ele mostra, por exemplo, o fato de a Itália ser um dos países que mais gasta dinheiro com armas, antes mesmo da Rússia e de Israel, estatística feita pelo Instituto Internacional de Estocolmo pela pesquisa sobre a paz.

Devido às informações e à crueza na forma de narrar os fatos, este livro de Saviano já foi traduzido em mais trinta línguas. No Brasil, a tradução aparece quase dois anos após a sua publicação na Itália, em 2006, com o subtítulo modificado, talvez por

questões mercadológicas e pela palavra máfia ser mais conhecida que camorra. Na versão italiana temos *Gomorra: Viaggio nell'impero economico e nel sogno di dominio della camorra* e na brasileira *Gomorra: A história real de um jornalista infiltrado na máfia napolitana*; mas se traduzíssemos acompanhando o texto de partida, teríamos em português brasileiro: *Gomorra: viagem no império econômico e no sonho de domínio da camorra*.

Devido ao grande sucesso, *Gomorra* teve uma adaptação para o cinema (2008) e chegou a concorrer ao Oscar. Também foi transformado em um *cartoon* intitulado "Le avventure di Giggino e Totore", e ainda realizou-se uma peça de teatro baseada no livro, dirigida por Mario Gelardi, que estreou em 2007 e já fez algumas turnês dentro e fora da Itália. O mesmo não é possível dizer que acontecerá na vida real, pois a Camorra tem raízes tão sólidas e está de tal forma ligada aos negócios lícitos e ilícitos, dentro e fora da Itália, que será difícil combatê-la e, conseqüentemente, pensar em um final feliz em um curto espaço de tempo, pois a supremacia econômica da Camorra estende-se a diferentes setores: da construção civil à distribuição de alimentos, armas, drogas, roupas, produtos eletrônicos. Um outro setor é aquele do lixo e da reciclagem em Nápoles e na região da Campânia, que em 2007 foi notícia em todos os jornais, e que está presente tanto no livro quanto na adaptação cinematográfica, trecho protagonizado por Toni Servillo. Passagem em que fica claro que o Sistema também está infiltrado e lucra com a reciclagem tanto do lixo comum quanto do industrial e radioativo (que, ao invés de ser levado para estruturas especializadas na incineração, é enterrado ali mesmo). Além do mais, como bem descreve o autor, a Camorra não nasce apenas da atividade criminosa, mas da capacidade de equilibrar capitais lícitos e ilícitos, nem que para isso seja necessário exterminar com famílias inteiras.

O título do livro, *Gomorra*, remete a muitas coisas, dentre elas: Sodoma e Gomorra, duas cidades que teriam sido destruídas por Deus por causa da prática de atos imorais (Gênesis 18) ou ainda, de maneira extremada, ao último filme de Pasolini "Saló ou os 120 dias de Sodoma e Gomorra", baseado na obra do Marquês de Sade.

O livro é dividido em duas partes com 11 capítulos (5 capítulos na primeira parte e 6 na segunda). Na primeira parte, Saviano intitula seus capítulos "O porto", "Angelina Jolie", "O Sistema", "A guerra dos Secondigliano", "As mulheres". Já na segunda parte, temos "Kalashnikov", "Cimento armado", "Dom Pepino Diana", "Hollywood", "Aberdeen, Mondragone", "Terra dos fogos".

O ponto de partida é o porto de Nápoles, local descrito como uma "ferida", "um apêndice infectado que nunca degenerou em peritonite, sempre conservado no abdômen da costa", que se abre para o mundo. É no porto de Nápoles que se descarregam toneladas de mercadorias chinesas de maneira eficientíssima. "São 1.600.000 toneladas declaradas, outro milhão sem deixar rastro", a ponto de a cidade do grande músico Roberto Murolo estar circunscrita por "muralhas de mercadorias".

Muralhas que não defendem a cidade, ao contrário, são defendidas pela cidade". Aliás, os chineses, que estão dominando a Itália de maneira silenciosa, mas visível e de forma clandestina, em Nápoles "trabalham como animais, rastejam como cobras, são mais silenciosos que os surdos-mudos, não podem ter questionamento nem vontade".

E do porto começa a descrição das mais diferentes atividades ilegais exercidas pela Camorra, em que os chineses acabam sendo os personagens principais, pois são aliados dos camorristas. Os chineses são uma "entidade obscura" que comandam diferentes setores: da distribuição de cigarros à alta moda, dos tênis aos aparelhos *hightech*. Não é só isso. Ainda segundo Saviano o "Made in Italy" também se constrói em Nápoles, onde as fábricas "formalmente não existem e não existem nem mesmo os trabalhadores". Isso tudo comandado pelas famílias ou clãs do Sistema, em que estão envolvidos e controlam o narcotráfico, a usura, a extorsão, o tráfico de armas, a distribuição de alimentos, o ramo têxtil, a construção civil.

Não por acaso, a descrição de fatos, atividades e a relação de nomes apresentados ao longo do livro fez com que Saviano fosse jurado de morte, assim como aconteceu com Salman Rushdie. Napolitano de nascimento, Saviano, que desde a infância "conviveu" com a Camorra, para poder escrever este livro rico de detalhes se infiltrou dentro da Camorra, ou melhor, no Sistema, pois "Camorra é uma palavra inexistente [...] É usada pelos magistrados, pelos jornalistas, pelos cineastas. É uma palavra que faz rir seus filiados [...] O termo com que se definem os pertencentes a um clã é Sistema [...] Um termo eloqüente, um mecanismo mais do que uma estrutura. A organização criminosa coincide diretamente com a economia, a dialética comercial é a estrutura dos clãs".

Saviano, infiltrado no sistema, trabalhou, observou as pessoas, o modo de vida, os hábitos, presenciou mortes, as mais diferentes formas de violência, as confissões dos "pentiti", as prisões dos "grandes chefões". Essa vivência em primeira pessoa enriquece o seu relato, pois apresenta estatísticas impressionantes. Em mais de trinta anos, diz ele: "a Camorra matou mais que a máfia siciliana, mais do que a *'ndrangheta*, mais do que a máfia russa, mais do que as famílias albanesas, mais do que a soma dos mortos vítimas do ETA na Espanha e do IRA na Irlanda, mais do que as Brigadas Vermelhas, do que os Núcleos Armados Revolucionários, e mais do que todas as mortes causadas pelo Estado Italiano". Para materializar com detalhismo o que vivenciava, Saviano teve que "atravessar a linha do inferno" e recorrer a Pasolini, como descreve no capítulo "Cimento armado". Foi no túmulo de Pasolini, em Casarsa, que refletiu e se convenceu de que havia a possibilidade de escrever, pois sabia, conhecia, tinha provas.

Ao descrever a situação do submundo da Camorra, Saviano faz referências a importantes nomes da sociologia e economia política, como Marx, Adam Smith, John Keynes, Max Weber, em uma espécie de desafio, para mostrar que em Nápoles nem mesmo esses "experts" conseguem explicar o que acontece, porque em Nápoles não há

conflito de classe, não existem contratos de trabalho, nem burocracia. Lá, os chineses e italianos trabalham sem cessar e o patrão é, em geral, um ex-operário e todos se confundem. Aparentemente não há rancor entre empregado e empregador. Ou como afirma Saviano, “aqui o conflito de classes é mole como um biscoito molhado”, e só mesmo a sociologia da miséria pode explicar tais fenômenos.

Por fim, podemos dizer que o Sul da Itália, em séculos passados foi um exportador de cultura do mais alto nível e, em particular, Nápoles nos deu, só para citar alguns nomes, Benedetto Croce e Francesco De Sanctis. Ou como a descrição do próprio Saviano sobre Nápoles diz: “Uma cidade tão falada, que basta pronunciar-lhe o nome para ninguém dizer mais nada. Um lugar onde o mal é totalmente mal e o bem totalmente bem”. Atualmente, tem-se ali uma espécie de "welfare sem estado" e a solução para tal problema ainda está longe de existir, pois os interesses na continuidade do "sistema" atual/vigente percorrem os mais diversos setores: da economia à política e exporta um "Made in Italy" entendido em sentido lato, que não dá nenhum orgulho ao povo italiano. E o silêncio continua..., pois tudo acontece nos bastidores.